



MODA LIVRE: AS RELAÇÕES DE TRABALHO NA INDÚSTRIA DA MODA

Fyskatoris, Tula; anthoula@uol.com.br

RESUMO

Este estudo propõe discutir as relações de trabalho intrínsecas à indústria da moda brasileira, muitas vezes respaldadas no trabalho análogo ao escravo, embora isto não seja exclusividade do nosso País. No Brasil, tal prática ficou mais evidente a partir dos anos 1980, com a consolidação do varejo de moda e, especialmente, nos anos 2000, quando as grandes cadeias de lojas adotaram o fast fashion, um modelo de produção que emergiu na Europa para ofertar aos consumidores mais produtos em menos tempo, ainda que o fast-fashion não se resume a isto, como bem assinala Enrico Cietta em *A revolução do fast-fashion* (2017). Longe de querer demonizar o varejo, o que se pretende aqui é dissecar essas relações entre os varejistas e as indústrias de confecção, em geral de pequeno e médio portes – é importante destacar que grande parte da produção é terceirizada nas chamadas facções. A indústria têxtil e de confecção que, em 2017, gerou um faturamento de US\$ 45 bilhões, com 1,479 milhão de empregos diretos e 8 milhões de empregos indiretos (e efeito renda), segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit), abriga ainda o trabalho informal, este muito difícil de ser mensurado. Além disso, pretende-se evidenciar as iniciativas que procuram coibir o trabalho análogo ao escravo, seja do Poder Público; seja das indústrias ou dos grandes varejistas; seja da sociedade civil, como o *Fashion Revolution* ou o *App Moda Livre*, e destacar a relevância do papel dos consumidores para a produção e consumo de uma moda sustentável.

Palavras-chave: moda; trabalho escravo; sustentabilidade.